



FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

PLANTAS, MÍSTICA E ALIMENTOS: O QUE AS RODAS DE CONVERSA NOS REVELAM SOBRE OS ASPECTOS SIMBÓLICOS DAS COMUNIDADES RURAIS

Autores: FABIANO ROSA DE MAGALHÃES, ANEUZIMIRA CALDEIRA SOUZA, CARLOS AUGUSTO PEREIRA DA SILVA, KAIQUE MESQUITA CARDOSO, LAÍS BARBOSA TEODORO ALVES, MARIA CECILIA CALDEIRA VIEIRA, MARILUCE PEREIRA DE JESUS

Introdução

No ano de 2017 o Núcleo de Estudos e Pesquisas Rurais - NEPRU - do Instituto Federal do Norte de Minas (IFNMG) - *Campus Araçuaí*, promoveu as Rodas de Conversa ao Pé do Tamboril, evento que estava integrado ao II Encontro do Núcleo. Tratava-se de um projeto de extensão e que envolveu 71 participantes na 1ª Roda e 53 na 2ª Roda, distribuídos entre 10 municípios. Ao todo foram envolvidas 21 comunidades e cerca de 19 entidades, tais como sindicatos de trabalhadores rurais, associações comunitárias, indígenas e quilombolas. O objetivo das rodas foi o de promover uma aproximação entre pesquisadores do IFNMG com os homens e mulheres do campo e entidades que lidam com esse universo de questões. O que inicialmente tinha caráter de projeto de extensão, logo em seguida passou a *alimentar* a pesquisa, dada a diversidade de informações geradas, com as quais o NEPRU ainda tem se debruçado, na expectativa de *realimentar* a aproximação que se pretende cada vez mais estreita. Desta forma, o primeiro compromisso assumido pela equipe do Núcleo foi o sistematizar os dados e propor análises sobre a técnica de pesquisa que aqui denominaremos de Rodas de Conversa. Neste resumo não nos ocuparemos, propriamente, das análises quantitativas das informações coletadas. Dedicaremos este espaço para uma análise acerca dos elementos que integraram as rodas, os quais entende-se que também estão associados à dinâmica dos encontros com comunidades rurais. De fato nossa análise será sustentada no próprio recurso da análise etnográfica, já que o que nos interessa destacar aqui é muito mais o aspecto simbólico associado a três elementos que estiveram presentes nas duas rodas de conversa: os alimentos, a mística e as plantas.

Material e métodos

A abordagem metodológica que utilizamos para as análises que seguirão damos o nome de Observação Participante ou, nos termos mais aproximados com a área da antropologia, diríamos que se trata de uma Observação Etnográfica. Salientamos essa associação, uma vez que há um debate sobre a relação entre o trabalho de campo dos antropólogos e a Observação Participante, geralmente reivindicada pelos sociólogos (MINAYO, 1993). A respeito da Observação Participante, Haguette (1992, p.77) afirma que: “a observação participante pode ser considerada com a técnica de captação de dados menos estruturada nas ciências sociais. Ela não supõe nenhum instrumento específico para direcionar a observação, tal como um questionário ou um roteiro de entrevista (...)”. De resto o que nos importa destacar, para efeito da discussão que propomos é que o processo investigativo escolhido envolveu uma relação entre o pesquisador e os pesquisados, daí a adequação desse método. Assim, conforme Minayo (1993, p. 146): “Na medida em que convive com o grupo, o observador pode retirar de seu roteiro questões que percebe como irrelevantes; consegue também compreender aspectos que se explicitam aos poucos, e que o pesquisador que trabalha apenas com questionários, certamente desconheceria.”.

Desta forma é que a própria dinâmica das rodas foi utilizada como forma de se destacar elementos que mereciam uma análise mais aprofundada, já que carregam sentidos simbólicos importantes, já que unificam as pessoas e dão sentido de pertencimento a uma comunidade. Destacamos os seguintes elementos: plantas (tamboril), a mística e a comida. Pelo seu valor simbólico, e dada a recorrência nos encontros de comunidades, entendemos que cabe uma análise dos mesmos.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Resultados e discussão

A memória também se expressa pela relação com as plantas, a mística e também pelos alimentos. Não há um encontro de trabalhadores do campo que não tenha uma mesa decorada com os produtos extraídos da terra, a realização da mística e também a referência simbólica às plantas. A mística consiste em um ritual, oração ou canto que antecede ou finaliza encontros, em que os participantes agregam elementos simbólicos, representativos de sua história, suas lutas e suas esperanças, já que, além de evocar o transcendente, propõe uma reflexão sobre a comunidade e a vida no campo.

I. O Tamboril

Na interseção entre ciências sociais e biologia encontramos a Etnobotânica, definida como o campo de conhecimento que estuda a relação entre homens e plantas (ROCHA, BOSCOLI e FERNANDES, 2015). Deste ponto de vista é importante entender como as comunidades rurais criam significados diversos para as suas plantas. As comunidades transportam para as plantas as simbologias de si. Assim, do ponto de vista etnográfico, é importante captar os sentidos que as comunidades elaboram para algumas de suas plantas. Assim, as plantas são divisores de mundo e de territórios. Plantas carregam o sentido do sagrado e do profano; de cura ou de veneno. Daí a possibilidade de uma discussão no âmbito da etnobotânica, de forma a enfocar essa importante relação entre comunidades e suas plantas. Isto posto, o Tamboril (Figura 1), cujo nome científico é *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong., tem um significado importante para as comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha. Ele traz consigo a imagem da resistência, assim como o próprio camponês do Vale. Na época da estiagem, enquanto a vegetação perde todas as folhas, o Tamboril persiste verde. Suas raízes profundas atingem o subsolo, permitindo que ele se mantenha incólume, destacando-se no meio da mata seca. Precisamente, em função dessa simbologia, o tamboril foi escolhido como símbolo das próprias rodas de conversa.

II. Os alimentos

Outro aspecto a ser considerado, a partir das rodas é sobre a simbologia presente nos alimentos. Os encontros de comunidades são cercados por mesas com alimentos. E os alimentos não são só alimentos. Eles trazem consigo uma simbologia; querem dizer algo, até pela forma como estão situados na mesa e no espaço da reunião. Conforme Woortmann (2013, 5) “Nas mais diferentes sociedades, os alimentos são não apenas comidos, mas também pensados; quer dizer, a comida possui um significado simbólico – ela expressa algo mais que os nutrientes que a compõem”. Entre nós, brasileiros, e sobretudo nas comunidades rurais, o ato de comer é um ato social. Conforme a autora: “Valoriza-se o ato de comer em grupo e há diferenças significativas entre o comer cotidiano e o comer cerimonial ou entre o comer em família, em casa e o comer em público. (WOORTMANN, 2013, p. 6).

Conforme Brandão (1981) as comunidades rurais produzem diversas simbologias para os alimentos. Nem todas as coisas são para comer, e nem tudo que é de comer, deve ser comido a qualquer tempo, por qualquer pessoa. O alimento *reimoso*, refere-se a algo que pode ser prejudicial, porque quente, põe as reimas para fora. A palavra *reimoso* é regionalismo muito utilizado no interior de Minas e região Norte, significa aquilo que é ruim; que impregna no corpo.

Os alimentos tornam-se elemento importante, dado que compõe parte da cena, reúne as pessoas em torno e funciona para “quebrar o gelo” e iniciar um “dedo de prosa”. Trocam-se informações sobre este ou aquele alimento, sobre a forma de fazer e também para que serve.

III. A mística

Quanto à mística: remete a um mundo transcendente (Figura 2). O não aqui, portanto, tem uma relação com a utopia. E Bloch (2005) já se referia às comunidades religiosas como revitalizadoras da utopia, ou nas palavras do autor: o “Princípio da Esperança. Em uma referência à terra prometidas, lembra a importância de Moisés:

A intervenção de Moisés modificou o conteúdo da salvação que, nas religiões pagãs, especialmente nas mítico-astrais, havia constituído o seu alvo totalmente exterior e já pronto. No lugar do alvo pronto aparece agora um alvo prometido que primeiro precisa ser conquistado; no lugar do Deus visível da natureza surge agora um Deus invisível da justiça e do reino da justiça.” (BLOCH, 2006, p. 317).

A mística anuncia um tempo da partilha, um tempo de libertação. Ela também dá vitalidade à ideia de pertencimento à comunidade que pode pensar e rememorar projetos em comum (COELHO, 2010).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Considerações finais

O relato de experiência que ora apresentamos é ainda muito preliminar e sua discussão mereceria um aprofundamento que não se esgota no âmbito de um resumo expandido. Não obstante, esperamos ter colocado, minimamente as premissas deste campo de pesquisas sobre o universo simbólico trazidos pelas comunidades rurais. As discussões certamente ficam em aberto e, frisamos, talvez seja essa a intenção deste trabalho, ou seja, suscitar o debate e sugerir uma perspectiva a ser trilhada com pesquisas que abordem o manancial simbólico das comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha.

Agradecimentos

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Rurais - NEPRU; Ao Projeto: Manutenção do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica do IFNMG, Campus Araçuaí; Ao CNPq pelo financiamento das bolsas de iniciação Científica e do projeto do NEA; ao Instituto Federal do Norte de Minas - Campus Araçuaí, e, em especial, às comunidades e entidades ligadas ao campo, parceiras imprescindíveis para a condução das Rodas de Conversa.

Referências bibliográficas

- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ/Contraponto, [Vol1] 2005, [Vol.3] 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, Colher, Comer**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- COELHO, Fabiano. **A Prática da Mística e a Luta pela Terra no MST**. Dissertação (Mestrado em História) Dourados, MS : UFGD, 2010. 284 p.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- ROCHA, Joyce Alves; BOSCOLO, Odara Horta; FERNANDES, Lucia Regina Rangel de Moraes Valente. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. Campo Grande: **Interações**, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015.
- WOORTMANN, ELLEN F. A comida como linguagem. Goiânia: **Habitus**, v. 11, n.1, p. 5-17, jan./jun. 2013



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



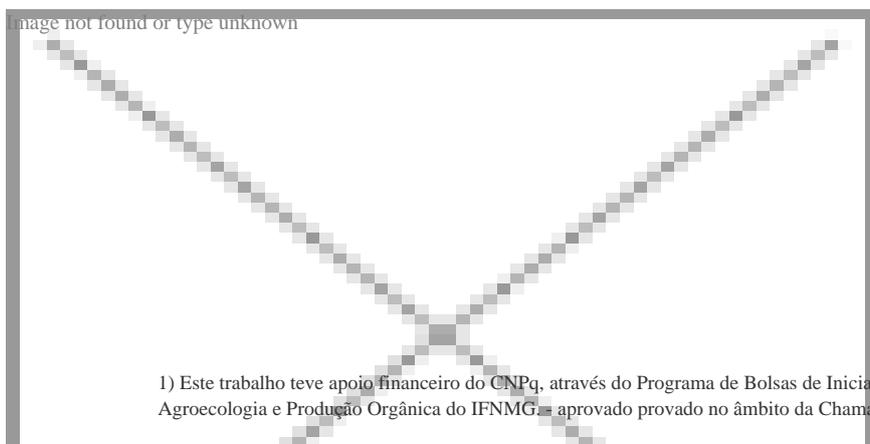
APOIO:



ISSN: 1806-549X



Figura 1. Tomboril - Árvore e semente Símbolo das Rodas. Resistência do povo.





CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X



Figura 2. Mística da Roda.



APOIO:

